

CRER OU NÃO CRER: A FINA QUESTÃO DE ENTENDER A SI MESMO

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho

Doutorando em História Social (USP) e Mestre em História do Tempo Presente (UDESC)

edumeinberg@gmail.com

Resenha de: ANDRADE, Solange Ramos e MANOEL, Ivan A (orgs.). *Identidades Religiosas*. Franca: UNESP-FHDSS; Civitas Editora, 2008, 282 p.

A coletânea *Identidades Religiosas*, organizada pelos professores-pesquisadores Solange Ramos de Andrade e Ivan A. Manoel e editada em 2009 pela Editora da UNESP de Franca em conjunto com a Civitas é fruto da seleção de textos da área dos estudos da religiosidade e apresentados durante o primeiro GT de História das Religiões e Religiosidades, acontecido entre 7 e 10 de maio de 2007 na Universidade Estadual de Maringá, a UEM. Os ensaios compilados contribuem para o aprofundamento de reflexões sobre questões identitárias, contemplando parte do equacionamento necessário para o entendimento das associações que se estabelecem entre os exercícios de eficácia simbólica feitos pelas expressões religiosas e a construção de sentidos de vida e grades de inteligibilidade sobre o mundo.

O livro abre com uma Apresentação (pp. 5-8) geral escrita pelos organizadores, onde se explica sobre a vinculação do livro com o evento realizado em 2007; sobre a intenção do livro de contribuir para os estudos sobre o fenômeno religioso, tendo como grandeza metodológica o trabalho com áreas fronteiriças; uma breve apresentação dos autores selecionados a compor a coletânea; uma explicação sobre a gênese do GT de História das Religiões e Religiosidades e por fim um agradecimento aos autores que legaram contributos à analogia. Esta apresentação é precedida por um sumário (pp. 9-10) onde se vislumbra, dentre outros, autores como Fernán

Gustavo Carreras, Geraldo José de Paiva, Paulo Bonfatti, José Jorge de Moraes Zacharias, Artur César Isaia, Fernando Torres-Londoño, Oscar Calavia Sáez. Cada ensaio incluído nesta seleção de textos tem ao final de sua estrutura um referencial bibliográfico, sendo que alguns dos ensaios são formatados a partir de um intróito e precedidos por uma conclusão, outros não.

Entre as contribuições deste volume, merecem especial atenção idéias-força que norteiam a seleção. A compilação começa a ganhar sabor no texto de Carreras, que versa sobre a apropriação que uma expressão do sagrado faz da outra, exemplificando com a Nossa Senhora de Guadalupe, que traria reverberações simbólicas da deusa asteca Tonatzin. Para ele, a transformação de Tonatzin em ícone católico é forma de tácita insurgência, de certo modo invertendo a lógica da dominação. Isso encontraria prováveis ressonâncias nas chamadas táticas *certeaunianas*, onde o indivíduo ou grupo cria mecanismo de resistência para fazer valer, dentro de um sistema dominador, uma necessidade ou desejo.

O conciso ensaio de Oscar Calavia Sáez sobre a iconografia da Virgem como fruto da multiplicidade de ressonâncias culturais, com ecos de elementos iconográficos hebraicos, bizantinos, helênicos e sírios, dentre outros, traz inferências de enlevo, mostrando as sobrevivências pagãs no cristianismo, percebendo uma hibridação religiosa do catolicismo desde a sua formação e possibilitando identificar, no *corpus* desta coletânea, o trânsito pelo sincrético. E a assertiva da apropriação religiosa transborda para outros ensaios: Ivan Esperança Rocha esculpe como o cristianismo e o islamismo se apropriaram das narrativas e práticas judaicas. Entendo aqui que a construção da identidade religiosa muitas vezes se opera pelo apoderamento de formas de saber sagrado mais antigas e outrora vigentes.

A isto ainda se associa, como mostra Torres-Londoño, as tentativas de se impor o catolicismo e a tensão identitária religiosa de indígenas e missionários jesuítas na Amazônia do XVII. Torres-Londoño traz boas olhadas sobre aspectos que devem ser conhecidos: como o aculturamento e a inserção do autóctone no *ethos* católico colonial identificam o sincrético, onde a adaptação e hibridação se dá como tática de sobrevivência, e como essa associação que as sociedades fazem da religião nativa com a alienígena é provavelmente o primeiro movimento de sincretismo que se vivencia.

Também sobre o sincretismo, Zacharias assenta reflexão de como o culto aos orixás singrou o Atlântico através da mercantilização de escravos e aportou o Brasil como uma perspectiva de preservação do arcabouço cultural dos povos seqüestrados. Contudo, a conservação desta cultura não se realizou, e o resultado final foi a hibridação religiosa entre este culto e outras expressões religiosas instaladas no Brasil, especialmente o cristianismo católico. Como ele cita, “divindades da natureza, dionisiacas, e a divindade celeste, apolínea convivem e interagem formando releituras da experiência religiosa (p. 121)”.

Parece-me que associados ao sincretismo muitas vezes se encontram o trânsito e a fluidez religiosa. No Brasil do tempo presente a circulação das pessoas por diferentes expressões do

sagrado parecem ligar-se às adaptações que algumas instituições religiosas fazem para atenderem as demandas de seu público. Esta discussão é verticalizada por Bonfatti quando ele comenta sobre o neopentecostalismo *iurdiano*. Ele explica que uma das maiores características deste estabelecimento religioso é o competente trabalho com temas como a re-conversão a partir do sincretismo e a re-articulação dos aspectos simbólicos de outros movimentos religiosos populares. A essa idéia, se associa a identificação da crescente introjeção do mundo religioso na vida secular, representada pelo estudo de Ramos de Andrade, que analisa o discurso elaborado pela ICAR nas décadas de 1960-70 sobre os conceitos de catolicismo e religiosidade popular. Uma delas é a mudança de atitude da ICAR em relação à chamada modernidade. Segundo a autora, a partir do Concílio Vaticano II (1962-65), a percepção do mundo secular como algo que tangenciava o tenebroso foi se moldando até o ponto da sua adequação a este.

Entendo que haja crescente introjeção das expressões religiosas ao estágio de modernidade em que nos situamos. Autores como o sociólogo polonês Zygmunt Bauman já haviam pincelado com cores fortes questões como a de que em uma modernidade plástica, ou líquida, as escolhas parecem cada vez mais individuais e os desejos, mais fluidos. E nesta antologia é identificável essa concepção: Geraldo José de Paiva comenta que os estudos da psicologia sobre a identidade religiosa tem se amparado nos “teóricos das identidades mínimas, vazias, saturadas, nômades, fluidas, líquidas e possíveis (p. 92)”.

Na coletânea é também patente o uso da imagem no exercício da construção identitária religiosa. Calavia Sáez mostra que entender o cristianismo católico passa pela análise iconográfica das imagens cultuadas nas igrejas e compreender a identidade das imagens do catolicismo é essencial para se compreender a identidade do indivíduo católico. No seu texto se percebe a potência que a imagem exerce em relação ao discurso, onde a interpretação do fiel pode advir mais da imagem que da legenda.

Provavelmente hoje em dia esteja potencializado o uso da imagem pelas instituições religiosas, onde espécie de império do audiovisual, ou como queria Guy Debord, uma sociedade do espetáculo serviria de molde para estas instituições, que parecem prescindir de uma fé espetacular e voltada ao emocional, e muitas das análises tratadas na antologia parecem circular em torno dessa percepção, do neopentecostalismo da IURD ao catolicismo, passando pelas religiões de matriz afro.

Talvez seja relevante pensar em que condições da modernidade ocorreu a hiperbolização destas expressões do sagrado. É provável que isto se relacione com as decepções ocorridas a partir dos últimos dois quartéis do século passado, com uma sociedade que, otimista com os avanços tecnológicos, percebeu que a ciência não trazia determinadas respostas às inquietações e traumas dos períodos pós-guerras, o que provavelmente tenha disparado uma nova busca por expressões do sagrado que potencialmente trariam grades de inteligibilidade sobre o mundo vivido. E neste meio-tempo religiões que pretendiam associar ciência e religião foram se

afirmando. Em ensaio de fina carpintaria, Artur César Isaia traz a identificação de como o discurso espírita francês, de vertente kardecista, se apropriou do discurso científico do XIX. A discussão é então historicizada de modo a refletir em nosso dia atual, onde a ciência e a religião receberiam novo impulso no debate acadêmico, o que parece ser verdadeiro, bastando atentar às discussões que a bioética tem feito em relação a assuntos como células-tronco e reprodução artificial.

O desejo do indivíduo de se adaptar e seguir expressões religiosas que lhe dêem um suporte de sentido transparece em ensaios como o de Bonfatti, que entende que a IURD seja vista pelos seus fiéis como um ambulatório espiritual onde uma nova articulação de identidade reconstrói uma vida fragmentada por experiências-limites. Seria um “espaço terapêutico, de escuta, aceitação e elaboração de diversos aspectos da psique de seus membros (pp. 113-114)”, um *locus* de experimentação de novo sentido de vida e identidade. Deste modo, o autor identifica em instituições supostamente mercadológicas (como a IURD) algo de positivo, ou seja, mesmo no meio do joio pode haver algumas parcelas de trigo.

Por fim, entendo que a frase de Montaigne “se minha alma pudesse dar pé, eu não me ensaiaria, me resolveria; mas ela se encontra sempre em aprendizagem e à prova” pode ajudar a identificar a questão da associação entre a construção identitária e a religião. A religiosidade de qualquer época, mas vista dentro da experiência do tempo presente deve ser pensada para que possamos identificar a construção identitária de nós mesmos dentro de determinada espessura da duração. E a grande linha de força desta coletânea parece estar nisto, em se identificar expressões diversas do sagrado e se apontar para o entendimento das nossas próprias experimentações, insertas no campo do agora e do que já foi.